



4º Congresso Brasileiro
de Ciência e Saberes
Multidisciplinares
**tudo é
ciência**
11º Encontro de Extensão
Universitária do UniFOA

**23 a 25
de outubro**

Submissões abertas até 07/09

Desafios e rumos da carreira da mulher docente no ensino superior: expectativas pós-pandemia

Aline Rodrigues Gomes^{1 2}; 0000-0003-1224-1816

Edvan Soares de Oliveira²; 0000-0002-0843-1556

1 – UniFOA, Centro Universitário de Volta Redonda, Volta Redonda-RJ.

2 – FUCEPE Business School, Vitória-ES

alinergomes@gmail.com

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar os desafios enfrentados por mulheres docentes no ensino superior, considerando as implicações da pandemia de COVID-19 e as perspectivas pós-pandemia. A partir de uma revisão bibliográfica de estudos recentes, buscou-se compreender como as pressões organizacionais, sociais e culturais afetam a carreira das mulheres acadêmicas, sobretudo no que tange à conciliação entre demandas profissionais e responsabilidades familiares. Os resultados apontam que a pandemia intensificou desigualdades de gênero já existentes, reforçando barreiras à ascensão profissional e ao bem-estar das docentes. O artigo contribui ao debate ao destacar a necessidade de políticas institucionais mais inclusivas, que valorizem a equidade de gênero e promovam melhores condições de trabalho para as mulheres na academia.

Palavras-chave: Mulheres docentes. Ensino superior. Pandemia. Carreira acadêmica. Gênero.



INTRODUÇÃO

O ensino superior permanece como um espaço de reprodução de desigualdades, em que a lógica neoliberal acentua cobranças por produtividade em detrimento do bem-estar docente. Nesse cenário, as mulheres são desproporcionalmente impactadas, pois precisam articular demandas profissionais com responsabilidades familiares e de cuidado.

Conforme Shah et al. (2021), a ausência de políticas de equidade contribui para reforçar a segregação ocupacional e ampliar disparidades salariais. Doerr (2024) destaca ainda que a marginalização feminina na academia se manifesta não apenas em dados objetivos de desigualdade, mas também em práticas e discursos que naturalizam a sobrecarga das mulheres.

Diante desse cenário já desigual, a pandemia de COVID-19 trouxe novas formas de trabalho que geraram implicações adicionais para a carreira dessas profissionais. Por isso, este estudo, por objetivo geral, se propõe a investigar como as pressões organizacionais e as mudanças nas dinâmicas de trabalho durante e após a pandemia afetam a carreira das mulheres docentes nas Instituições de Ensino Superior (IES). O estudo aqui disposto tem como objetivo específico compreender como as docentes enfrentam desafios profissionais, exacerbados por estruturas organizacionais, sociais e culturais que frequentemente as minimizam ou invisibilizam.

Parte-se da hipótese de que tais pressões, combinadas às novas configurações de trabalho remoto, acentuaram desigualdades de gênero no meio acadêmico. Com isso, o segundo objetivo específico tem por intuito demonstrar que esses fatores resultaram em desafios significativos relacionados à carreira da profissional docente, especialmente após períodos intensificação das demandas de ensino remoto.

MÉTODOS

O presente estudo adota abordagem qualitativa, com base em revisão bibliográfica de artigos nacionais e internacionais recentes sobre o tema. Foram selecionados estudos que



abordam especificamente a carreira da mulher docente, os impactos da pandemia de COVID-19 e as implicações do pós-pandemia no ensino superior.

A seleção foi feita nas plataformas Scielo e Research Gate, com uso dos termos de busca “woman”, “career”, “pandemic”, “teaching”. A seleção das referências seguiu critérios de relevância temática e atualidade, considerando publicações entre 2020 e 2024.

Foram sete artigos encontrados na busca, os quais foram todos utilizados para redigir esse trabalho. O método de análise consistiu em leitura crítica e interpretação dos achados, buscando identificar convergências, contradições e lacunas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os estudos revisados indicam que a pandemia de COVID-19 e o contexto pós-pandêmico intensificaram desigualdades de gênero já presentes na academia. Doerr (2024) aponta que mulheres em áreas de ciência, tecnologia, engenharia e matemática (STEM) enfrentam marginalização devido à sub-representação e segregação em cargos de menor prestígio. Esse quadro é agravado quando há necessidade de afastamento, como na licença-maternidade.

Jones e Floyd (2023) demonstraram que 69% das docentes de sua amostra realizaram atividades acadêmicas durante esse período, ainda assim sofrendo medidas punitivas e reações negativas ao retorno pós-licença maternidade, o que impactou autoestima e pertencimento institucional.

Williamson, Taylor e Weeratunga (2024) evidenciaram que o trabalho remoto trouxe sobreposição de jornadas, já que as mulheres acumulavam responsabilidades acadêmicas e domésticas. Embora homens e mulheres tenham relatado carga horária similar, a desigualdade emergiu na intensidade e diversidade das tarefas assumidas, o que reforçou a sobrecarga mental e emocional das docentes.

Nesse sentido, Febrianto, Mas'udah e Megasari (2022) destacam que a pandemia acentuou o dilema entre carreira e família, colocando as docentes em uma posição de constante negociação entre produtividade acadêmica e cuidado doméstico.



As consequências dessas desigualdades também se manifestam em termos econômicos. A literatura aponta que as pressões organizacionais e culturais resultam em progressão mais lenta e defasagem salarial para mulheres docentes (SHAH et al., 2021).

A expectativa de alta produtividade, mesmo durante a maternidade ou em situações excepcionais como a pandemia, gera sobrecarga e pode acarretar custos adicionais com saúde mental e física, além de despesas extras com suporte doméstico e cuidados infantis (FEBRIANTO; MAS'UDAH; MEGASARI, 2022).

Ainda, Walczak e Silva (2024) ressaltam que muitas cientistas-mães se sentiram pressionadas a manter alto desempenho acadêmico, mesmo diante de condições adversas, o que reforça desigualdades estruturais no campo científico.

Febrianto, Mas'udah e Megasari (2022) ressaltam que a sobrecarga vivenciada pelas docentes durante a pandemia não deve ser vista como circunstancial, mas como reflexo de um problema estrutural que persiste no período pós-pandêmico.

Walczak e Silva (2024) acrescentam que, para muitas cientistas-mães, a manutenção de altos níveis de produtividade só é possível à custa de intensas renúncias pessoais, o que aprofunda o dilema entre identidade profissional e materna.

Williamson, Taylor e Weeratunga (2024) argumentam que a revisão do conceito de 'trabalhador ideal' é condição essencial para que universidades construam ambientes mais inclusivos e equitativos.

Essas implicações econômicas e sociais afetam também as instituições. A falta de suporte adequado pode resultar em rotatividade elevada, fazendo com que universidades percam talentos e precisem arcar com custos de recrutamento e treinamento, além da possível diminuição na qualidade de ensino e pesquisa.

Como sintetiza Doerr (2024), compreender essas dinâmicas é essencial para repensar a cultura acadêmica, que ainda privilegia um modelo de 'trabalhador ideal' incompatível com a realidade vivida pelas mulheres.



CONCLUSÕES

Essa breve análise evidenciou que a pandemia de COVID-19 acentuou desigualdades de gênero na carreira das mulheres docentes, principalmente em relação à maternidade, ao trabalho remoto e às pressões institucionais. A sobrecarga vivenciada pelas docentes reflete tanto desafios sociais quanto impactos econômicos, reforçando barreiras à progressão profissional e ao bem-estar dessas mulheres.

Por se tratar de pesquisa em andamento, conclui-se, de forma ainda preliminar, que é urgente a formulação de políticas institucionais que promovam maior equidade de gênero, reconhecendo o valor do ensino, o papel do cuidado e as especificidades da maternidade.

A criação de condições mais inclusivas pode contribuir para a permanência e valorização das docentes no ensino superior. Devido à escassez de estudos nesse viés, sugere-se ainda que novas pesquisas ampliem a investigação para diferentes contextos culturais e institucionais, buscando soluções mais abrangentes e efetivas para a equidade no ensino superior.

AGRADECIMENTOS

À FOA/UniFOA, nossos mais sinceros agradecimentos pelo fomento a essa pesquisa em desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

DOERR, Katherine. "Flying Under the Radar": Postfeminism and Teaching in Academic Science. *Gender, Work & Organization*, v. 31, n. 3, p. 710–726, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1111/gwao.12922>.

FEBRIANTO, Priyono Tri; MAS'UDAH, Siti; MEGASARI, Lutfi Apreliana. Female teachers' double burden during the pandemic: Overcoming challenges and dilemma between career and family. *Sociologia, Problemas e Práticas*, Lisboa, n. 100, p. 87-105, dez. 2022. Disponível em: http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65292022000300087.

JONES, Karen; FLOYD, Alan. Women Academics Experiences of Maternity Leave in the Neoliberal University: Unmasking Governmentality. *Gender, Work & Organization*, v. 31, n.



4º Congresso Brasileiro
de Ciência e Saberes
Multidisciplinares
**tudo é
ciência**
11º Encontro de Extensão
Universitária do UNIOA

**23 a 25
de outubro**

Submissões abertas até 07/09

1, p. 92–114, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1111/gwao.13059>.

SHAH, S. et al. Corporate Governance and Gender Diversity: Evidence from Emerging Markets. *Corporate Governance: An International Review*, v. 29, n. 4, p. 654-678, 2021.

WALCZAK, A. T.; SILVA, F. F. D. Pandemia, maternidade e ciência: experiências e reflexões de cientistas mães da Universidade Federal do Pampa. *Educação em Revista*, v. 40, e42213, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-469842213>.

WILLIAMSON, Sue; TAYLOR, Helen; WEERATUNGA, Vindhya. Working from Home during COVID-19: What Does This Mean for the Ideal Worker Norm?. *Gender, Work & Organization*, v. 31, n. 2, p. 456–471, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1111/gwao.13081>.